DO SONHO DE BARTHES AO IMPOSSÍVEL DE ENSINAR

Antonio Alberto Peixoto de Almeida¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo investigar a questão do ensino, em Lacan e Barthes, tomando como mote a ideia do enigma que envolve o sonho como um paradigma de experiência de linguagem. Para tanto, visa-se aí apontar como, desde a questão do impossível, é possível produzir algo em relação a isso, a partir da aproximação da noção de discurso analítico de Lacan com os escritos de Barthes sobre o tema. Para o estudo de Barthes, utiliza-se o conteúdo disponível de forma ampla, tanto os livros, quanto os cursos, tal como o material produzido pelos seus alunos e leitores, privilegiando o material que está mais acessível aos pesquisadores de Barthes no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Sonho, Barthes, Lacan, ensino, discurso analítico.

FROM BARTHES' DREAM TO THE IMPOSSIBLE TO TEACH

ABSTRACT: This paper aims to research the teaching issue in Lacan and Barthes, using as a motto the idea of enigma, which involves the dream as a paradigm of language experience. Therefore, our goal is to point out how conceivable it is, starting with the issue of the impossible, to create something from it, taking into account the correlations between Lacan's concept of analytical discourse and Barthes' postulates regarding the issue. For the study of Barthes, widely available content is used, both books and courses, as well as the material produced by its students and readers, favoring the material that is more accessible to Barthes researchers in Brazil.

KEYWORDS: Dream, Barthes, Lacan, teaching, analytical discourse.

I- Da obra ao sonho de Barthes

A obra de Roland Barthes é reconhecidamente composta de uma multiplicidade, em virtude dos diálogos que o autor travou ao longo da sua trajetória, com diferentes áreas do saber. Tal elemento permite que leitores com diferentes formações o busquem, por vezes a partir de ângulos distintos da sua obra. Isso também diz sobre a sua complexidade, de tal modo que uma aproximação superficial pode incidir em leituras equivocadas ou em julgamentos precipitados.

Um dos pontos principais do ensino do autor faz referência à questão da elaboração do texto, do prazer que daí deriva. Barthes visa com isto apontar que pode existir uma prática de escrita que vai além da repetição. Para tanto, trata-se aqui também de realizar uma investigação a partir do entrelaçamento entre o autor e a psicanálise de Freud à Lacan.

¹ Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Psicanalista associado ao CLIN-a (Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade – Instituto do Campo Freudiano de São Paulo).

Diante dos pontos anteriores, ressalto que este trabalho é inspirado pela própria leitura de Barthes. Assim, busca-se um novo ângulo para pensar a questão mencionada — alvo de tantas publicações e de tanto estudo. Deste modo, com o suporte mencionado, se buscará pensá-lo a partir do conceito de “sonho”, da incidência subjetiva daquilo que é da ordem do onírico. Do que diz a sua própria estrutura sobre a experiência humana. Uma relação que, em um primeiro momento, pode parecer distante ao leitor.

Assim, quando se diz que se parte do “sonho de Barthes” para pensar algo sobre a problemática da pesquisa, isto também faz referência ao seu próprio modo de elaborar a sua obra. Barthes (1979/2004a, p. 446) se define como sendo um “ensaísta”. Trata-se, assim, de uma escrita que se aproxima do literário, apesar de versar sobre conceitos que supostamente remetem à um ordenamento teórico. O autor ensaiava com as palavras— sempre nas bordas dos diferentes campos do conhecimento. Sem se comprometer com nenhum. Perrone-Moisés (2000, p. 292) acrescenta, inclusive, que no final da vida, havia um esboço de um pós-ensaio em Barthes, em referência à sua escrita em torno dos diários íntimos. Ambos os pontos demonstram que não há nele uma grande fidelidade universitária com os sistemas de pensamento tradicionais — algo importante para pensar sobre a temática visada.

O uso que ele fazia das palavras não tinha um fio condutor metodológico específico, de tal modo que isso pode parecer, em um primeiro momento, errante. A justificativa para a falta de um caminho linear, diz respeito à tentativa do mesmo para evitar o embotamento da experiência de escrita, o que tem uma incidência na própria maneira de conduzir a vida. Trata-se de uma defesa do livre pensamento e da questão da diferença; da singularidade.

É a partir disso que o autor inscreve a sua ética. Ele faz referência a ela no curso *O Neutro* (1977-1978/2003, p. 27) Neste, diz que ali existia uma introdução ao viver, segundo as nuances. Ou seja, aos elementos primordiais que norteiam a existência – para ele o paradigma disso era justamente a literatura. O próprio conceito de “Neutro” — enquanto aquilo que burla os paradigmas— faz referência a isto. Parece ser o grande mote desse curso: introduzir uma ética de vida que seja norteadada a partir da valorização e do uso das aberto das palavras.

Em *Roland Barthes se explica* (1979/2004b, p. 451), entrevista feita por Pierre Boncenne, o autor destaca que, para ele, a fala é sempre mais confusa e limitada – e por isso prefere a utilização do registro escrito. Mais adiante, ele fala ainda ao jornalista que o que se escreve é o resto da experiência humana, e por isso optou por publicar parte da sua obra na forma de fragmentos. Os fragmentos, assim, são um equivalente, em texto, da própria vida: uma vida é feita de uma série de fragmentos dispersos, que daí geram os sonhos, que também são fragmentos. Ou fragmentos dos fragmentos.

Ainda assim, a opção pela escrita em “fragmentos”, como mencionado, é parte da sua obra. Ele buscava intercalar com a maneira formal de se escrever. Era uma

maneira de desconstruir a ideia de uma escritura absoluta. Havia nele também o desejo de conceber um romance que seria intitulado *Vita Nova*. Tal elemento deu origem ao seu último curso intitulado *A preparação do romance*. Pino (2015) restitui alguns destes elementos que estão registrados em forma de manuscritos na sua pesquisa que foi publicada em um livro intitulado *A aventura do romance*.

Marty (2009) também destaca que a ideia de “fragmentos” envolve uma crítica à concepção de linearidade da narrativa, que convocaria o autor à uma posição de relaxamento. Tratou-se, nesta, justamente de uma maneira de quebrar os paradigmas. No entanto, como referido no parágrafo anterior, essa ideia não é pura. Segundo o curador da obra de Barthes: “Essa crítica da narrativa, essa suspensão do narrativo em Fragmentos não são guiadas por uma espécie de puritanismo modernista contra o romance em si” (MARTY, 2009, p. 279).

Por outro lado, o caráter transgressivo da obra de Barthes é notado desde o início do seu percurso. Perrone-Moisés (2012, p. 28) destaca que o primeiro artigo publicado do autor foi precedido por um pedido de desculpas. Trata-se, então, de uma obra que se inaugura pela via do escândalo, da infidelidade em relação aos paradigmas vigentes. Para tanto, a autora diz que isto parte de uma “linguagem opaca” que demarca um “modo de fazer metafórico”.

As noções que giram em torno da obra, da literatura e da escritura acabam, enfim, por levar Barthes (1978/2013) à questão do ensino. No entanto, para ele isto era algo absolutamente fora do padrão usual, das tradições universitárias. Logo no início da sua aula inaugural no Collège de France, ele destaca a sua falta de “méritos universitários” para estar ali. Ou seja, destaca a ausência de motivos para tanto – desde que a referência seja o sistema educacional tradicional, alvo de críticas desta conferência.

Ao comentar este texto, Perrone-Moisés (2013) destaca que o ensino do autor visava combater os estereótipos e os mecanismos de poder. Trata-se de algo que, como foi mencionado anteriormente, envolvia a infidelidade com os grandes sistemas de pensamento tradicionais. De tal modo que Barthes aparecia onde ninguém supunha que ele estaria. Quando esta “infidelidade” alcança o nível da educação, ela ganha um outro patamar de visibilidade.

O que chama a atenção, para efeitos deste trabalho, na referida aula inaugural, é a referência que ele faz à “utopia da língua”. Aqui, ele aponta que há a partir dessa uma relação de poder que é intransponível – que é dada pela própria condição humana, aquilo que Freud (1930/2010a) traduz pelo termo de mal-estar da civilização. Lacan (1969-1970/1992), por outro lado, vai destacar que existe, neste mal-estar, o “impossível”, que remete em última instância ao real, aquilo que escapa aos mecanismos de captura da linguagem – algo que Barthes também menciona no trabalho citado.

Assim, é possível extrair da aula inaugural dois significantes que são motes para toda a obra do autor: “utopia” e “impossível”. É a partir do efeito deles, ainda que

não tenham sido nomeados diretamente em todo o seu percurso, que deriva a elaboração de uma escrita fragmentária, tal como ele chega a nomear a sua ideia de uma ética de vida, segundo as nuances. Trata-se, então, de algo que remete a uma saída, ante ao próprio impossível que ele menciona, e que é inerente à condição humana.

No que concerne ao ensino, é preciso fazer algo com o impossível. O sonho é uma experiência de fratura da subjetividade, a via régia para a elaboração de enigmas acerca da condição humana. Diante deste, não há uma resposta única, mas uma variação de posicionamentos possíveis – por isso se propõe entrelaçar isto com a questão apresentada, o que será aprofundado a seguir. Tal proposta está em consonância com Pino (2018), quando aponta a existência de três fantasias no ensino de Barthes. Não é preciso lembrar que fantasia remete ao desejo, e que o desejo faz referência aos sonhos.

II- O sonhar como enigma primordial da experiência humana.

A noção de sonho se inscreve na história desde a antiguidade. Desde aí, o que era da ordem do onírico, muitas vezes foi interpretado como algo que predizia o futuro, como um recado dos deuses. A partir de Freud, tal conceito ganha um outro estatuto, de descentramento da condição humana – a partir da inferência da existência do inconsciente, o que não se limita o sono noturno, mas também aponta para os devaneios diurnos. Lacan continuou a aprofundar as hipóteses freudianas.

Freud começa a elaborar uma teoria sobre isso, a partir do que observou do corpo das histéricas, havia algo nas manifestações corporais que giravam em torno principalmente de paralisias, que escapavam à lógica do consciente, que estava para além das palavras. A partir daí, o autor começou a elaborar uma teoria sobre os sonhos, que teve como ápice a publicação de *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2019), onde expôs as suas principais ideias sobre a temática, algumas foram revisadas a posteriori.

Em um primeiro momento, o autor expõe a tese de que os sonhos estão relacionados à realização de um desejo – um conceito que vai subsidiar a teoria mencionada, e vai continuar a ser alvo de investigação por parte de Lacan a posteriori. Freud (1932/2010) diz que se trata de um elemento que deriva da pulsão; Lacan (1964/1996) aponta para algo de um resto que está fora do circuito pulsional.

Em outro ponto, Freud (1908/2015) compara os sonhos noturnos às fantasias. De acordo com ele, ambos bebem da mesma fonte — justamente, do desejo. A diferença seria que os sonhos diurnos poderiam ser tidos como devaneios. O autor ainda acrescenta um detalhe que é bastante caro ao tema do trabalho, pois diz que a escrita criativa, de forma análoga aos sonhos, se alimenta desses devaneios, desse “onírico de ordem diurna”.

Freud se depara com percalços no seu percurso, quando se defronta, por exemplo, com os sonhos de angústia, que não teriam o suporte do desejo. Koretzky (2019) aponta que o autor faz uma inflexão na sua teoria. De acordo com ela, Freud altera a sua tese, passa da ideia de que o sonho é a “realização de um desejo” para a que “é uma tentativa de realizar o desejo”. Tal elemento traz, portanto, a dimensão da utopia e do impossível, o desejo não tem um caminho natural, nem nos confins do inconsciente.

Lacan (1953-1954/1979) acusa o abandono do primordial das noções freudianas, após a sua morte, por parte dos seus seguidores. Assim, desde a abertura do *Seminário 1 – Os escritos técnicos de Freud*, ou seja, um dos pontos inaugurais do seu percurso de ensino, busca retomá-la a partir dos sonhos, considerando o seu privilégio no trato complexo da subjetividade humana. Tal conceito é o que mais aparece nos textos iniciais.

A problemática do desejo continua presentificada, tendo em vista que a sua relação com os sonhos permanece em aberto. Diante disso, ele diz: “Daí a ambiguidade que se encontra em todo lugar na sua obra. Por exemplo, o sonho é desejo ou reconhecimento de desejo?” (LACAN, 1953-1954/1979 p. 11).

Um avanço importante ocorre quando Lacan (1962-1963/2006a) apresenta o conceito de objeto *a*, no *seminário 10 – A Angústia*. Trata-se, em resumo, de um objeto que incide sobre a separação com o Outro, condição necessária para a estruturação psíquica. São cinco: o olhar, o oral, a voz, o anal e o fálico. O olhar e a voz, de acordo com Lacan, estão em um outro patamar, pois tem uma função primordial na operação psíquica do sujeito.

O conceito de desejo, de acordo com Lacan, num desenvolvimento que acontece principalmente nos Seminários 10 e 11, refere-se aos restos desta operação, conforme foi mencionado anteriormente. Avançando mais, trata-se daquilo que permanece, diante do encontro traumático com a experiência de castração proveniente da condição inexorável dada pela linguagem.

Em “Meu Ensino”, Lacan diz a seguinte frase: “isso sonha, isso rateia, isso falha, isso ri” (LACAN, 1968/2006b p. 92). Tal elemento aponta para uma incidência dos processos psíquicos na consciência. O “isso” em oposição ao “eu”. O isso, em Lacan, também faz referência ao id, instância psíquica que se contrapõe ao ego e ao superego, ou seja, aponta para algo que se apresenta como fora da lei. Koretzky (2019, p. 79) acrescenta mais alguns elementos à esta proposição. Ela diz que: “isso sonha, isso falha, isso ri, o inconsciente é o fracasso”². E depois coloca também o “isso pensa”. Essa parte do “isso pensa” é importante, pois traz justamente a dimensão de domínio por parte do inconsciente. Há, portanto, uma oposição ao “eu penso” – algo que suscita a questão de que o “eu” na experiência de existência de um sujeito é, antes de tudo, uma experiência de absoluto fracasso.

Isso é importante, na medida em que como diz Miller (2011), o eu imaginar que conhece a si mesmo é um delírio. Trata-se de uma experiência eminentemente

² Tradução livre de “eso sueña, eso falla, eso ríe: el inconsciente es el fracasso”.

contemporânea a ideia do “autoconhecimento” do “precisar se conhecer”. Consistem em ideias radicalmente opostas, tanto ao pensamento de Barthes quanto ao de Lacan. Então, tudo aquilo que é da ordem das palavras passa a ser rechaçado ou ter leituras empobrecidas – tanto os sonhos, quanto a literatura. Na série que mencionei no parágrafo anterior, a autora acrescenta um outro elemento importante, o “isso dorme”, este faz a função para evitar que o sujeito “desperte” — aqui em referência à verdade da sua subjetividade — logo o sonho tem também o objetivo de manter o sujeito dormindo, seja na vida em vigília, ou onírica.

A experiência de fracasso, que incide sobre o sonho, ganha um outro estatuto nos últimos seminários de Lacan (1977/1978). No *Séminaire 25 –Le Moment de Conclure*. Neste, ele diz que o sonho é uma “bévüe”, um fio, diante da malha do inconsciente. A experiência de fracasso advém da impossibilidade de encontrar uma harmonia absoluta neste sistema, uma verdade que possa ser o último dizer sobre ele — e aqui, aquilo que se manifesta como sonho é, portanto, um desvio, um devaneio diante de um mal-estar irrevogável — algo próximo do que Barthes (1980/2018) define como “morte” em *A Câmara Clara*.

Assim, é possível apontar, a partir das elaborações do final dos seminários de Lacan (1976/1977), que o sonho, sendo um “bévüe”, expressa de forma elementar o próprio fracasso do inconsciente, o seu inconsciente. Assim, o que retorna de forma cifrada, não apenas um desejo nem apenas um resto de gozo, mas aquilo que da ordem do impossível tocou na singularidade do sonhador. É notável perceber isto em torno dos sonhos de repetição, algo insiste em retornar. Mesmo quando não, expressões oníricas que aparentam ser diferentes, podem estar expressando algo de semelhante, em torno de cifrações que encontraram caminhos distintos.

Feita esta exposição sobre alguns dos aspectos estruturais sobre as elaborações acerca dos sonhos em Freud e Lacan, é preciso adentrar em uma questão fundamental para pensar o lugar do ensino – o que era o objetivo inicial, apesar das temáticas parecerem distantes e desconexas. É a questão do enigma. O sonho, muito além de uma narrativa, é um enigma da subjetividade, de tal que, se pensamos no ensino das disciplinas concernentes ao estudo da linguagem, tal como a literatura e a psicanálise, o que vai de Barthes a Lacan, é precisamente deste elemento que se trata, muito mais do que a apropriação de conceitos rígidos, como nas ciências exatas.

O primeiro ponto do enigma, no sonho, é, portanto, a sua própria constituição, há algo nele, do qual não se sabe, e não é facilmente acessado. De acordo com Koretzky (2019, p. 109), daí é preciso derivar uma pergunta. Trata-se de um significante puro, que não acessa o seu significado de forma direta. A autora aponta três perspectivas. Na primeira, o enigma demonstra a ilusão da relação entre significante e significado (S // s). Na segunda, o enigma demonstra que há um vazio na relação com o Outro, ou seja, ele não é capaz de dar o sentido ao significante. Por fim, em sua terceira perspectiva, o vazio aponta para a inconsistência da operação da

linguagem, já que não existe um conjunto que responda a ela de forma completa, ou seja, não existe metalinguagem.

A ideia de enigma no sonho aponta para uma outra proposição de Lacan (2003b). Segundo ele, em se tratando do dizer e o dito: “que se diga fica esquecido atrás do que se diz no que se ouve” (LACAN, 2003b, p. 448). Trata-se, justamente, da operação do enigma, o sujeito esquece o que diz, ou não tem acesso a isso, de tal modo que ele oscila entre o “isso sonha” e o “isso pensa”. Quando retorna algo, isso só pode acontecer na forma de uma pergunta, no caso do sonho: “porque sonhei com isso?”.

Este elemento remete diretamente a outro ponto da teoria de Lacan: o do despertar. No início dos seus seminários, o autor dizia que despertamos para continuar dormindo na realidade. Já no final do seu ensino, por outro lado, ele radicaliza a sua proposição e diz que não há nenhum despertar. O despertar, dentro dessa perspectiva, representaria a própria morte, pois seria uma operação mais além da própria linguagem. De acordo com Koretzky (2019) trata-se justamente de algo que aponta para as falhas do próprio psiquismo, do qual o sujeito não se livra, nem concluindo a análise, pois diz sobre a própria condição humana.

A impossibilidade de despertar traz algo que é da ordem do onírico para a vida diurna. Assim, os elementos que produzem o sonho estão presentes também na “existência despertada” e incidem sobre ela, talvez não de forma tão direta, mas igualmente importantes. Freud (1908) já apontava —algo do onírico permanece presente na vida em vigília — e dizia justamente que há algo na escrita que se relaciona com isto.

Barthes (1977-1978/2003, p. 90) também faz algumas menções bastante interessantes à questão do sonho. Primeiro, ele coloca o sono do lado da utopia, na medida em que faz referência a “dormir a dois”, e aponta justamente o impossível disso, a partir da questão do sonho, pois não se sonha a dois. Depois, ele cita que a formação onírica abole o tempo, citando, por exemplo, que um curto período com uma barra da cortina que cai em cima de uma pessoa pode gerar um sonho que oferta a impressão de que se passou um período muito maior do que o de fato, antes de que ela acorde.

A noção de “sonho”, a partir destes elementos, guarda, então, a amplitude necessária para se definir o que é o “sonho de Barthes”, desde uma outra perspectiva. Diante da inexistência do despertar, o “sonho de Barthes” é, precisamente, a sua própria obra, uma obra que trata justamente dos efeitos do impossível na vida dos sujeitos. Das nuances derivadas disto. É uma obra que versa sobre a impossibilidade da irredutibilidade da singularidade em torno de um único significante. É possível entrelaçar com a questão do ensino, a partir da frase de Pino (2018) “É por isso que, por mais que esse o curso e o livro sejam sobre o discurso amoroso, o ensino de Barthes é um ensino do amor.” (PINO, 2018, p. 60.) Amor, sonho e fantasia são conceitos enodados ao que concerne à subjetividade humana.

III- O enigma do sonho como possível paradigma de um “ensino impossível” destinado ao campo das linguagens.

Trabalhar uma questão com dois autores que tem um diálogo intenso, porém que também divergem em alguns pontos, é um desafio. Neste caso, especificamente, é interessante notar que há mais aproximações do que diferenças, tendo em vista que quando vai falar sobre o ensino, o próprio Barthes recorre à Lacan, seja na “aula inaugural”, quando o cita para se referir à questão do impossível, quanto no artigo *Escritores, Intelectuais e Professores* (1971/2012b) que foi publicado na revista *Tel Quel*, no qual menciona o psicanalista diversas vezes para apresentar as suas ideias.

Recentemente, Jacques-Alain Miller (genro e curador da obra de Lacan), convidou Éric Marty (curador da obra de Barthes) para um debate realizado em torno do lançamento do seu livro *Le sexe des Modernes*, que versa sobre a questão de gênero. Nele, naturalmente, há diversas menções à Barthes. Em uma delas, Miller (2021) destaca que Barthes recebia eco dos seminários de Lacan, não se opôs à psicanálise, tal como fizeram Foucault e Derrida, e defendeu a manutenção do Departamento de Psicanálise da Universidade Paris 8, ou seja, dentre os autores da intelectualidade francesa, era um dos mais próximos de Lacan, em termos teóricos e políticos.

O primeiro ponto para falar do ensino é justamente precisar do que se trata o impossível. Lacan (1969-1970/1992, p. 158), ao desenvolver sobre isso, retoma uma passagem de Freud, na qual ele diz que existem três profissões impossíveis: governar, educar e analisar. É um mote que ele utiliza para pensar a teoria dos discursos. Esta teoria é composta por quatro discursos: o discurso do analista, o discurso do mestre, o discurso histórico e o discurso universitário, e uma variação do discurso do mestre que aparece a posteriori (um 4+1), o discurso capitalista.

Cada um deles diz respeito a uma operação que gira em torno de quatro elementos: (a, S1, S2 e \$) e quatro posições, diante da qual estes elementos se posicionam, dois a dois, agente/verdade x outro/produção. O a, objeto a, tal como já foi dito anteriormente, é o objeto que faz referência ao gozo/desejo, e demarca um déficit na vida do sujeito. Ou seja, é a “coisa-em-si” que foi para sempre perdida. O S1 refere-se ao significante-mestre, aquele que norteia a vida do sujeito. O S2, por outro lado, é o saber, é o significante que gira numa posição intermediária. O \$, refere-se ao sujeito dividido, ao momento em que o sujeito constata, ou é posto numa posição em que fica evidente que há uma dimensão de si que ele desconhece. Os quatro discursos, de acordo com Lacan (1971/1972) são os seguintes:

Na ordem, da direita para esquerda, o primeiro é o discurso histórico, o segundo o discurso do mestre, o terceiro o discurso universitário e o quarto o discurso do analista.³

Assim, cada três discursos fazem referência às profissões impossíveis propostas por Freud. O discurso do mestre ao impossível de governar. O discurso universitário ao impossível de educar. O discurso do analista ao impossível de analisar. O autor acrescenta ainda, nesta série, o discurso histórico, que faz referência não à uma profissão, mas a um aspecto da conduta humana: o impossível de desejar.

Tal como destaca Brodsky (2021a), estes elementos não se referem a um departamento, um local físico. Assim, no consultório do analista pode estar presente um outro discurso, embora isso venha a ser considerado um desvio, pode surgir o discurso do mestre (através da sugestão), o discurso universitário (através da pedagogia), o discurso histórico (através da sedução), e não necessariamente o discurso do analista, que seria a posição adequada para operar uma análise.

Dito isso, se trabalhará aqui fundamentalmente com o discurso universitário, o impossível de educar, que também pode ser interpretado como “impossível de ensinar” e com o discurso analítico. Tal proposição está em consonância com a proposta de Barthes (1977/2013), quando ele diz que todo método é uma ficção, e que de outra forma, ele se liga à um discurso que envolve uma relação de poder – e esta é uma questão fundamental para pensar uma outra forma de ensinar.

Um outro ponto é que, de acordo com Brodsky (2021b), três dos quatro discursos de Lacan envolvem a dominação, pois creem na sua própria verdade. No caso do histórico, em que o desejo é possível, no do mestre o governar, e no universitário o ensinar. O único discurso, portanto, que não visa estabelecer essa relação, é o discurso do analista. Tal como aponta a autora, trata-se, neste, de não tomar a “verdade” como tal, mas sim como um semblante, ou seja, o analista não toma o (S2 – saber), como verdadeiro, mas como suposto – por isso, na psicanálise, se diz que o analista é sempre o sujeito suposto saber.

Por outro lado, a autora aponta que o discurso universitário, o qual é aquele que faz referência fundamentalmente ao ensino, visa a domesticação do gozo, através da operação do eixo de cima do discurso (S2 -> a). Ou seja, através desta operação visa-se, assim, colocar o “estudante” sob o controle de um professor, que é justamente o mote da crítica da obra barthesiana.

Barthes (1977-1978/2003, p. 313) expõe que existem “discursos arrasadores”. Estes, de acordo com o autor, se caracterizam, justamente, pela violência com o qual estabelecem as suas verdades, em torno de dogmas, que visam estabelecer uma relação de dominação. Ou seja, a verdade deve ganhar estatuto de crença, de absoluto, de tal modo que oblitere, nesta relação, o desejo do dominado.

³ Este esquema da teoria dos discursos de Lacan foi retirado da transcrição do “Seminaire 19... Ou pire” disponível em <<http://staferla.free.fr/S19/S19...OU%20PIRE.pdf>>

Logo, tanto Barthes por um lado, quanto Brodsky em referência a Lacan, estabelecem que assumir o “impossível de ensinar” passa por operar tal elemento através de um outro discurso, que só pode ser aquele que reconhece o estatuto ilusório de tomar o saber como verdade, que é o discurso analítico.

No entanto, pensar o discurso analítico numa operação aluno-professor, não é uma tarefa simples, tampouco óbvia. Lacan (1978/2010) diz, no âmbito de uma discussão ocorrida na Universidade Paris-8, sobre o Departamento de Psicanálise, primeiramente, que o “discurso analítico nada ensina” – uma frase enigmática, ao qual ele se refere justamente em relação à dominação, ou seja, o gesto de “querer ensinar”, guardaria, em certa medida, uma tentativa de dominação. Assim, depois ele afirma que é preciso “ensinar o que não se ensina”. De acordo com Lacan: “Constata-se que, ao se confrontar com o seu impossível, o ensino se renova” (LACAN, 1978/2010, p.32).

Miller (2015, p. 336), ao comentar este artigo, transforma as duas páginas de Lacan em trinta. O autor expõe um conflito entre os diferentes discursos. Pois, se o discurso analítico trabalha com eminentemente com o singular, seria possível trabalhar o singular diante de uma perspectiva coletiva? Ele responde isto, através do neologismo “varidad”, que em português seria algo com “veriedade”, ou seja, tomar a verdade como algo variável – de tal modo que se preserve a inexistência do universal a qual este discurso aponta.

Retomando, então, os aspectos estruturais do discurso do analista.

Diante deste matema, é possível observar que discurso envolve o “a” em direção ao “\$”, ou seja, o analista visa causar uma divisão subjetiva no sujeito, diante da qual ele possa se interrogar sobre qual é a causa do seu desejo. Para tanto, ele precisa, justamente, estar numa posição de suposto saber – diante da qual ele não pode se enganar, sob a pena de que a análise se torne, não um processo para criar uma interrogação sobre o desejo, mas sim de domesticação do gozo, tal como foi mencionado anteriormente. Por fim, ao se deparar com estes enigmas, o sujeito poderá elaborar sobre os seus S1s, sobre as suas próprias variantes subjetivas, que regem a sua existência e dizem sobre a sua fantasia, o seu sintoma, a sua forma de gozar – sobre o seu próprio sofrimento subjetivo. Cada uma dessas setas diz sobre esta relação. Não há relação entre o S2 e o S1, justamente em virtude da inexistência de ligação entre o suposto saber do analista e os significantes-mestres do sujeito. Este também é um ponto importante.

O sonho é a via régia para o inconsciente, justamente em decorrência do seu aspecto privilegiado nesta operação. Ele é, por si só, o grande mote da possível produção de enigmas pessoais, tendo em vista que, se se questiona sobre isso, o

sujeito já está dividido em torno de algo que é próprio da sua subjetividade, mas para o qual ele não tem uma resposta imediata, nem óbvia. A partir dele, é possível se colocar na posição de divisão subjetiva (\$) – e daí produzir algo. Isso também vale, em outra dimensão, para os sonhos diurnos.

Logo, é possível também tomar o sonho como sendo um paradigma para o ensino no campo das disciplinas concernentes ao campo da linguagem, desde uma orientação possível, a partir do que o discurso analítico. Neste ponto, trata-se de extrair do sonho, justamente a questão que Lacan expõe, de ensinar sobre o impossível de ensinar. Que também é o mote de Barthes, ao longo de toda a sua obra, e ao qual ele se refere durante a sua aula inaugural no Collège de France.

Ensinar sobre o impossível de ensinar, é algo que resguarda a singularidade daquele que recebe a transmissão. De tal modo que, diante do intransponível, é preciso superar a operação ($S_2 \rightarrow a$), própria do discurso universitário, para pensar um ($a \rightarrow \$//\$ \rightarrow S_1$), em direção ao desejo que um suposto saber pode ser causa no aluno. Um desejo que precisa ser, antes de tudo, de ler e de escrever sobre alguma coisa.

No artigo “Au Séminaire” publicado na revista L’arc, Barthes (1974/2012c) o autor destaca que o seminário é um espaço para produzir as diferenças e para sustentar o desejo. De acordo com ele: “é somente o espaço de circulação dos desejos sutis, dos desejos móveis” (BARTHES, 1974/2012c p. 414). Sendo assim, o desejo e a produção das diferenças vai na esteira dos pontos apresentados anteriormente.

Tal elemento passa, então, pela maneira como o professor veicula o S_2 . A posição discursiva vai determinar a sua incidência a partir de algo que reverbera no ensino. Miller (2015) destaca que Lacan, neste ponto, vociferava. Vociferar diz sobre uma maneira de colocar a voz. Naparstek (2021), por outro lado, destaca, a partir da posição de Lacan, que vociferar é uma leitura que pressupõe o corpo, e lembra que Borges sugeria que quando alguém não o entendia, deveria lê-lo em voz alta.

Assim, a veiculação dos significantes passa por: não tomar o S_2 (o saber), como S_1 (significante-mestre). É preciso deixar um espaço para o vazio. É este vazio que Brodsky (2021b) destaca como sendo fundamental, pois a autora lembra que os seminários de Lacan (do 17 ao 18, por exemplo), não há nenhum complemento, eles têm algo de disruptivo – diante do qual várias questões ficaram em aberto.

Quando Barthes (1974/2012c) ressalta a questão do desejo é precisamente disso que se trata. Para abrir o espaço ao desejo, à singularidade, é preciso que a palavra não tenha uma incidência discursiva de dominação. O trabalho, então, com estes significantes passa a ser de uma delicadeza extrema, próximo à algo de um estado da arte. A arte de transmitir a possibilidade de que o aluno possa desenvolver uma variação singular entre o ler e o escrever.

Barthes (2007) destaca a diferença entre o escritor e o escrevente. De acordo com ele, o escritor é aquele para o qual a palavra é um meio, uma parte do seu próprio modo de vida, diante do qual é possível suportar a ambiguidade. Ao escrevente, por

outro lado, cabe à escrita direta, a da pesquisa, aquela que comunica algo a alguém, e está sob a guarda das instituições, como por exemplo, a universidade. Diante do impasse, ele chega ao termo “escritor-escrevente”, que é aquele que circula pelas duas posições, que tem como objetivo provocar, abrir uma questão, ao mesmo tempo que pode afirmar algo sobre alguma coisa. Trata-se de alguém que permanece na posição de margem, um ponto interessante para pensar a posição do professor a partir do discurso analítico.

É preciso, assim, reconhecer que numa sala de aula existem S1s, tal como Marty (2009, p. 174) destaca – que existem no ensino de Barthes, através do termo “palavra-mestre”. No entanto, o grande mote tanto dele, quanto da psicanálise, é justamente que o gesto de ensinar parte do impossível, ou seja, antes de tudo, é preciso transmitir a existência do vazio, como elemento ético do desenvolvimento de uma teoria, e isso não quer dizer transmitir qualquer coisa ou banalizar o que concerne à experiência de aprendizagem. O vazio, antes de tudo, diz sobre um rigor da experiência, da experiência de escrita, da experiência de analisar, da experiência de ensinar, na medida em que isto aponta para uma elevação do patamar do valor da escrita, da leitura, da subjetivação.

É precisamente, ensinar segundo as nuances – produzindo as diferenças, ou seja, o último elemento do discurso analítico: o S1; mas um S1 pessoal, aquilo que faz enigma para o candidato a “escritor-escrevente”, se assim o ensino puder tocá-lo. Não há nenhuma ilusão aqui, as palavras não tocam igual em todos os alunos, isso não vai ocorrer com todo mundo. E sim com alguns. É também assim numa análise. Por mais que Lacan (1959-1960/2008) destaque que a ética da psicanálise é a ética da diferença, e depois em *Nota Italiana* (2003a) diga que ela visa um “amor mais digno”, isso não ocorrerá com todos. O que não quer dizer também que não haja efeitos. Os efeitos são diversos, e podem operar em um tempo lógico (termo que Lacan usa para designar que o tempo não é cronológico numa análise, ou seja, a partir daí as sessões passam a ter tempo variável, de acordo com o dizer do paciente) para cada um.

Lacan (1969-1970/1992, p. 157) também diferencia a posição do discurso do analista em relação ao discurso do mestre. Ele aponta, justamente, para a questão da transferência; diz que, através desta, é suposto que o analista seja colocado na posição de mestre, mas que nesta operação, ele não deve visar colocar o analisando na posição de refém – e sim dar ênfase na questão do desejo, o desejo que está mais além do gozo, aquilo que escamoteia a díade de dominação do “senhor-escravo” típica deste discurso.

Tais elementos permitem pensar na proposta de Barthes, segundo o autor: “já que este ensino tem por objetivo, como tentei sugerir, o discurso preso à fatalidade de seu poder, o método não pode realmente ter por objeto senão os meios próprios para baldar; desprender, ou pelo menos aligeirar esse poder” (BARTHES, 1977/2013, p. 45). O modo como operam o objeto a (olhar e voz), e o os significantes (S1 e S2), são

determinantes para definir o percurso das relações a partir da atividade de ensinar. Deste modo, é a partir disso, que pode se chegar no que o autor chama, no mesmo texto mencionado, “de ensino fantasmático”.

Perrone-Moisés (2013) destaca, ao comentar a aula inaugural de Barthes, que a proposta do autor visava combater os estereótipos, ou seja, a ideologia que implica em uma burocratização do ensino. Trata-se de uma prática infiel, no sentido de que o seu único compromisso é pensar em formas de utilizar a escrita e a leitura, desde que isso reverbere em um uso digno da linguagem, ou seja, uma ética de vida. Isso entra em consonância com Lacan, que criticou a ideia de Bem, e disse que isso conduziria ao pior. Em outros termos, podemos apontar que existe também um “Bem do ensino”, pautado em “bons modos e rituais tradicionais” que estabelecem verdades unívocas e relações de dominação.

Barthes (1974/2004) expõe as diferenças entre o seminário e a classe tradicional. Neste, o seminário assim, seria um espaço coletivo onde o desejo coexiste na busca pela elaboração de alguma questão que gira em torno de algo que é dividido entre os que ali estão – e fundam aquele espaço. Isso implica justamente na liberdade do significante, e mais do que isso, neste ponto, que cada aluno, diante de um curso, possa eleger e produzir os seus S1s concernentes à cada disciplina, de tal modo que seja possível desenvolvê-los, desde as suas próprias relações com o campo de estudo em que estão.

A palavra, assim, não pode obliterar o desejo. O semblante de verdade, tal como o discurso analítico aponta, precisa estar na posição de S2, e não de S1. O saber precisa ser apresentado como algo furado, numa dimensão opaca. Tal elemento remete ao sonho e os seus enigmas, na medida em que ele separa o significante do significado, e aponta para o vazio. Ou seja, é preciso elaborar uma pergunta para se chegar a algum lugar, uma pergunta que precisa ser constituída a partir de um dizer diante da qual não há uma resposta.

A problemática da escritura à leitura é dos grandes enigmas da obra de Barthes. Em um dado momento da obra, em *A morte do autor* (1968/2012a), ele diz sobre a passagem da literatura ao “escriptor”, aquele que sustentaria uma escrita a partir de um lugar do coletivo. Esta é a base do seminário *Le lexique de l’auteur* (1973-1974/2010). No entanto, como em todas as noções apresentadas por ele, isto não pode ser lido de forma dogmática nem apressada. Tal como diz Perrone-Moisés “Em sua última fase, Barthes retomou a palavra ‘literatura’ e manifestou o temor que esta desaparecesse” (PERRONE-MOISÉS, 2021 p. 182).

As nuances são as variações das obras de Barthes – e fundamentam a sua própria ética. No que se refere ao ensino, elas estão muito bem apresentadas por Pino (2018), quando aponta três variáveis acerca da prática de ensino realizadas pelo autor: a pesquisa coletiva, o mestre zen, e a “passa o anel”. A primeira versando sobre uma prática coletiva de ensino; a segunda sobre a análise minuciosa das unidades mínimas de um texto; a terceira baseada numa ideia de passar da “fala” para a

“palavra escrita”. Diante do fracasso das duas primeiras, predomina nas elaborações de Barthes, a terceira, que faz referência à passagem de um discurso à outro discurso, no caso, o discurso amoroso.

Nos termos apresentados, e acrescentando à isto, as elaborações de Lacan sobre os discursos, é possível pensar no giro discursivo, de um outro discurso, ao discurso do analista, como operação que sustenta um impossível em torno da verdade. Trata-se de uma operação que só pode ser referida ao amor, toda uma análise ao termo estrito gira em torno dele, até que se chega ao “amor mais digno”. Em relação ao ensino, é possível pensar em um amor sem ilusões, que não busca a última palavra sobre a condição humana, que sustenta o “desaprender”, tal como Pino (2018) diz.

O sonho é aquilo que, por ser um significante puro, resguarda a dimensão da palavra vazia. Deste modo, pensar através dessa operação, permite resguardar o que há de elementar no que se refere à um ensino pautado no discurso analítico, desde o que Barthes coloca como sendo o discurso amoroso. Há um ponto muito importante sobre isso, quando Barthes (1976-1977/2015) diz, a partir de toda uma elaboração, que o “viver-junto”, através da idiorritmia comporta uma dose de fracasso. O fracasso é a base de sustentação do discurso amoroso – e é de onde toda experiência de educação parte.

O sonho aponta para o fracasso, jamais será possível esgotar o inconsciente, ou resolver todas as questões da subjetividade. No entanto, é possível elaborar enigmas sobre o que toca cada um, desde um lugar em que a singularidade possa ser sustentada. O sonho de Barthes é precisamente uma prática da leitura à escritura que tem uma operação análoga ao vazio apresentada por esta estrutura da condição humana, condição está, que quando deixa de reconhecer a sua falha estrutural, produz discursos de dominação. Toda a obra do autor vai numa direção contrária a isto.

IV- Conclusão: o fracasso do sonho, do desejo e do ensino.

Ensinar o impossível de ensinar é o mote deste trabalho. Para tanto, retomou-se a questão do sonho em duas dimensões: o sonho de Barthes, um sonho diurno, e o sonho noturno — aquele que com mais clareza comporta a elaboração de um enigma. Ambos dizem sobre a inexistência do despertar, tal como preconiza Lacan. O sonho, estando mais ou menos claro, acaba expondo os restos da relação do sujeito com as marcas deixadas pela sua relação com o objeto *a*, o objeto que está para sempre perdido diante dos processos de subjetivação.

O sonho de Barthes expressa-se, com precisão, na sua obra. Uma obra que tenta versar sobre este impossível, e que desde às questões com a escritura e a leitura, acabam por incidir sobre o ensino. A questão é: como ensinar sem que este seja pautado numa relação de dominação? Ele deixou vários elementos para pensar sobre isto, que foram levantados neste trabalho.

Assim, apresentou-se a ideia de que a orientação dada pelo discurso analítico proposto por Lacan, sendo o único que não visa a dominação, diz também sobre um ensino que preserva o singular, o desejo e a questão da diferença. Tal como Barthes propôs. Neste ponto, ambos os autores têm propostas próximas, e que, quando correlacionadas, permitem pensar algo de diferente sobre a temática.

O paradigma de um “ensino orientado pelo discurso analítico” é, aqui, a questão do sonho – o sonho como aquilo que é capaz de produzir enigmas, e esvaziar o sentido, na sua relação com os significantes. Também, o sonho preserva algo do desejo, da singularidade.

Um professor orientado pelo que a estrutura do sonho tem como dizer, desde o discurso analítico, não deve se iludir – os efeitos serão sempre limitados. No entanto, trata-se de um esforço, para incidir na leitura e na escrita, e daí formar, não seguidores, mas pesquisadores que versem sobre o vazio, e possam transformar algo da condição humana, em dizeres. Seja na literatura, na psicanálise, ou nas outras disciplinas concernentes ao campo da linguagem.

Na atualidade, no entanto, os desafios para levar à prática algo deste ensino, são ainda maiores. A palavra nunca esteve tão cheia de sentidos, tão decadente e tão pobre. Tal como diz Laurent (2016), há um enxame e uma desordem em relação aos S1s da cultura, diante do qual, cada um elege o seu, para daí se resguardar contra a impossibilidade de localizar algo do real. Estes passam a dizer qualquer coisa. Assim, emergem movimentos totalitários pautados em *fakenews* e todo tipo de coisa derivada disto, trata-se, como foi muito bem alcunhado pelo Dicionário Oxford, da pós-verdade. A palavra esvaziada. Qualquer uma vale. Não há nenhum peso, nenhuma diferença. Apenas dissoluções e usos banais.

A pós-verdade também diz sobre uma crise do desejo. Barthes (1980/2004c, p. 507), por outro lado, já afirmava que havia algo desta desde ali. Segundo ele, os jovens pouco sabiam sobre isso. E de algum modo, algo disto vem se perdendo, de uma forma cada vez mais intensa. Há uma densidade inédita em relação a isto. Trata-se de uma vida que começa a acontecer num ritmo que é o contrário do que o autor falou, quando se referiu às nuances. É, propriamente o que Miller (2004) chamou de “zênite do objeto a”, o objeto a como aquele, que ao invés de incidir sobre algo do desejo, passa a ser apenas um referente em relação ao gozo, à liberdade de gozar, de forma desenfreada, sem limites.

Tais elementos apenas apontam o tamanho do desafio de poder resgatar algo do desejo em relação ao ensino. De esvaziar a posição de saber que conduz à maestria, à domesticação do saber. Os próprios sonhos, muitas vezes, são tratados como algo eminentemente biológicos. A todo momento, por um lado ou por outro, tenta se obliterar o lugar do sujeito – e as consequências estão aí o tempo inteiro.

Este trabalho, assim, pretendeu, desde as elaborações de Barthes, Freud e Lacan, tentar demonstrar que existe uma maneira de pensar que preserva algo do que vem se perdendo. Algo do desejo; da singularidade. Não há nele nenhuma esperança

de grandes efeitos, e sim de provocar uma reflexão, e um entrelaçamento entre autores que tão próximos, e por vezes tão distantes, entre aqueles que porventura tenham se interessado por lê-lo

Sobre a sua relação com Barthes, Perrone-Moisés (2021, p. 124) nos diz sobre uma reflexão do autor, escrita no fragmento de um dos seus diários, sobre se seria possível fazer “trunfar a doçura”. A resposta para tal questão, de acordo com a autora, é negativa, pois estes dois elementos que se excluem. Tal incompatibilidade provém da falta de espaço para delicadeza na ação política coletiva. A doçura não trunfará, mas é possível usá-la como um gesto de subversão no ensino, numa direção oposta à da massificação contemporânea. É apenas isto que é capaz de sustentar os conceitos apresentados. Talvez o sonho seja uma expressão da doçura, a depender de como tomamos. E para ler, escrever e ensinar, é preciso não ter perdido a capacidade de sonhar, em nenhum dos níveis possíveis.

Referências

- BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia* (1980). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BARTHES, R. *Cómo vivir juntos: Simulaciones novelescas de algunos espacios cotidianos, Notas de cursos y seminarios en el Collège de France, 1976-1977*. Siglo XXI de España Editores, S.A., Tres Cantos, 2015.
- BARTHES, R. *Aula* (1978). São Paulo: Cultrix, 2013.
- BARTHES, R. “A morte do autor (1968)”. In: *O rumor da língua*. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2012a, pp. 57-64.
- BARTHES, R. “Escritores, intelectuais e professores (1971)”. In: *O rumor da língua*. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2012b, pp. 385-411.
- BARTHES, R. “Au Séminaire (1974)”. In: *O rumor da língua*. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2012c, pp. 412-424.
- BARTHES, R. *Le Lexique de l'auteur. Séminaire à l'Ecole pratique des hautes études* (1973-1974). Paris: Seuil, 2010.
- BARTHES, R. “Escritores e escreventes”. In: *Crítica e verdade*, 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, p. 31-39, 2007.
- BARTHES, R. “Um contexto por demais brutal (1979)”. In: *O grão da voz: entrevistas 1961-1980*. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2004a, pp. 446-447.
- BARTHES, R. “Roland Barthes se explica (1979)”. In: *O grão da voz: entrevistas 1961-1980*. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2004b, pp. 448-471.
- BARTHES, R. “A crise do desejo (1980)”. In: *O grão da voz: entrevistas 1961-1980*. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2004c, pp. 504-511.
- BARTHES, R. *O neutro: anotações de aulas e seminários ministro no Collège de France, 1977 e 1978*. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2003.
- BRODSKY, G. *Aula proferida no seminário “Lecturas Lacanianas”* em 12/03/2021. Inédito. Escuela de la Orientación Lacaniana: Buenos Aires, 2021a.
- BRODSKY, G. *Aula proferida no seminário “Lecturas Lacanianas”* em 09/04/2021. Inédito. Escuela de la Orientación Lacaniana: Buenos Aires, 2021b.
- LAURENT, É. *O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

- FREUD, S. *Obras completas, volume 4 : A interpretação dos sonhos (1900)* — São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREUD, S. “O mal-estar na civilização (1930)”. In: *Obras completas - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, pp. 13-123.
- FREUD, S. “Meu Contato com Josef Popper-Lynkeus (1932)”. In: *Obras completas - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, p. 308-316.
- FREUD, S. “O escritor e a fantasia (1908)”. In: *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)* — 1 a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 325-338.
- KORETZKY, C. *Sueños y despertares. Una elucidación psicoanalítica*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2019.
- LACAN, J. *Transferência para Saint Denis? Diário de Ornica? (1978) Lacan a favor de Vincennes*. Revista Correio Nº 65, Escola Brasileira de Psicanálise: São Paulo, 2010.
- LACAN, J. *O seminário, livro 7 – a ética da psicanálise. (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. *O Seminário livro 10, A angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006a.
- LACAN, J. *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006b.
- LACAN, J. “Nota Italiana”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003a, pp.311-315.
- LACAN, J. “O aturdido”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003b, pp. 448-497.
- LACAN, J. *O Seminário livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)* Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LACAN, J. *O seminário, livro 17 – o avesso da psicanálise. 1969-1970*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LACAN, J. *O seminário, livro 1 – os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- LACAN, J. Séminaire 25 : Le moment de conclure (1977/1978). Inédito. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S25/S25.pdf> Acesso em 15 mar. 2021.
- LACAN, J. Séminaire 24 L'insu que sait de l' une-bévue s'aile à mourre (1976/1977), lição de 16 de novembro de 1976. Inédito. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf> Acesso em: 15 mar. 2021.
- LACAN, J. Séminaire 19 ... ou pire. Lição de 21 de junho de 1972. Disponível em <http://staferla.free.fr/S19/S19...OU%20PIRE.pdf> Acesso em: 15 mar. 2021.
- MARTY, É. *Roland Barthes, o ofício de escrever*. Rio de Janeiro: difel, 2009.
- MILLER, J-A; MARTY, É. Entrevista de Jacques-Alain Miller a Éric Marty sobre «El sexo de los Modernos». 1 abril 2021. Disponível em https://zadigespana.com/2021/04/01/entrevista-de-jacques-alain-miller-a-eric-marty-sobre-el-sexo-de-los-modernos/?fbclid=IwAR2-hUYedf9S7MvjWoKaDPeTIQpnRb9TdWUaW4Wlmlfhxg9ag95TKh_42xs Acesso em: 14 abr. 2021.
- MILLER, J-A. *Todo mundo es loco*. Buenos Aires: Paidós, 2015.
- MILLER, J-A. *O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante*: Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- MILLER, J-A. *Donc: lá logica de la cura*. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- MILLER, J-A. *Conferência de Jacques-Alain Miller em Comandatuba*, 2004. Disponível em:

<http://2012.congresoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>. Acesso em: 9 set. 2021.

NAPARSTEK, F. Aula proferida no seminário “Inconscientes” em 30/03/2021. Inédito. Escuela de la Orientación Lacaniana. Buenos Aires, 2021.

PERRONE-MOISÉS, L. *Vivos na memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

PERRONE-MOISÉS, L. “Lição de Casa”. In. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2013, pp. 51-107.

PERRONE-MOISÉS, L. *Com Roland Barthes*. Editora WMF Martins Fontes: São Paulo, 2012.

PERRONE-MOISÉS, L. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PINO, C. A. “Roland Barthes e o ensino: da pesquisa coletiva ao amor”. In. *Novamente Roland Barthes* / Orgs. Claudia Amigo Pino, Laura Taddei Brandini, Márcio Venício Barbosa, Sílvia Barbalho Brito. Natal: IFRN, 2018, pp. 38-63.

PINO, C. A. *Roland Barthes: a aventura do romance*. São Paulo: 7Letras, 2015.

Recebido em: 15/04/2021 **Aceito em:** 22/06/2021

Referência eletrônica: ALMEIDA, Antonio Alberto Peixoto de. Do sonho de Barthes ao impossível de ensinar. *Criação & Crítica*, n. 30, p., set. 2021. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.